

Históricos querem rompimento e eleições em 88



Na reunião, dos históricos, Mário Covas foi aplaudido de pé ao defender, em discurso, eleição presidencial após Carta



Silvio Donizetti

O Grupo Históricos do PMDB decidiu ontem, por aclamação, aprovar nota à Nação intitulada "Prolongar o Transitório é Farsa" em que se compromete com a realização de eleição para Presidente da República este ano e a convocação do Diretório Nacional do partido, em 30 dias, para votar o rompimento entre a agremiação e o Governo.

A reunião dos Históricos, no auditório Nereu Ramos da Câmara, durou quase quatro horas e contou com a presença de 153 peemedebistas entre parlamentares e representantes das bases partidárias. Os principais assuntos discutidos foram a necessidade de rompimento com o Governo, eleição presidencial em 1988 e o anúncio de constituintes ligados ao Movimento Unidade Progressista (MUP) que deverão criar uma nova legenda, nos próximos meses.

Eleição-já

Durante todo o encontro, o discurso mais aplaudido foi o do líder do PMDB na Constituinte, senador Mário Covas (SP), que defendeu a eleição para Presidente da República 90 dias após a promulgação da futura Constituição e o rompimento formal com o governo José Sarney. As colocações do parlamentar foram aplaudidas de pé por todos os presentes à reunião.

"Se há algo que pode colocar em risco a transição, é a prorrogação do mandato do presidente Sarney. Eu me questiono se seria possível esperar até novembro ou propor eleições 90 dias após a promulgação da Constituição", indagou o senador.

Depois de assinalar que o Governo vem se afastando do PMDB "com a sutileza de um trator", Mário Covas propôs que o partido escolha o seu candidato à Presidência. A seu ver, o candidato peemedebista não deve ser apoiado por Sarney, mas ao contrário, ter uma plataforma contra o atual Governo.

Por sua vez, o líder do PMDB no Senado, Fernando Henrique Cardoso (SP), que presidiu a reunião, destacou que o tema central das discussões seria a relação do partido com o Governo. Para ele, o Governo não teve a capacidade de juntar as forças políticas renovadoras do País e se aliou aos conservadores. Fernando Henrique, que é favorável ao rom-

pimento com o presidente Sarney e eleições 90 dias após a promulgação da Constituição, colocou apenas em votação a proposta de eleição presidencial em 1988 porque acha que a fixação do prazo de três meses depois do término da Constituinte divide os grupos que desejam eleição para presidente da República ainda este ano.

Divergências

As divergências entre o chamado grupo Histórico ficou por conta dos integrantes do MUP que defenderam a imediata criação de uma nova legenda a fim de abrigar os parlamentares progressistas, como foi o caso do deputado Fernando Lyra (PE), com aqueles que acreditam que é possível resgatar as bandeiras populares dentro do partido. "Eu não acredito que podemos recuperar o PMDB", sentenciou Lyra no que foi acompanhado pela deputada Cristina Tavares, também de Pernambuco: "Enganam-se os que acham que estamos aqui para destruir o PMDB, porque não se destrói o que não mais existe".

Já o deputado Pimenta da Veiga (MG), às voltas com problemas regionais, sugeriu que se faça um levantamento dentro do partido para saber quem é maioria, os conservadores ou os Históricos. Ele advertiu, também, que se não for possível resgatar imediatamente as bandeiras do PMDB, ingressará em outra agremiação.

Propostas

As propostas aprovadas ontem pelos Históricos do PMDB são as seguintes: 1) aprovação rápida da nova Constituição, 2) eleições presidenciais em 88, 3) renovação imediata das práticas partidárias, e preenchimento, dentro de 30 dias, das vagas da Executiva por representantes fiéis à linha programática, 4) reconhecimento, por decisão do Diretório Nacional, em 30 dias, que o Governo afastou-se do PMDB e que cabe ao partido opor-se às decisões do Executivo que contrariam seu programa, 5) elaboração de uma plataforma para o Brasil a ser sustentada por um candidato à presidência da República, que expresse autenticamente os ideais do PMDB, 6) reforço do programa partidário e 7) repúdio aos peemedebistas que se aliaram ao "Centrão".

A nota aprovada pelos Históricos será entregue ao presidente do PMDB, deputado Ulysses Guimarães, pelos líderes do movimento, nos próximos dias.

Josemar Gonçalves



Fernando Henrique destaca rompimento e Montoro redige nota

Simon insiste que eleições atrasam Carta

Porto Alegre — O governador Pedro Simon condenou ontem, em Porto Alegre, o lançamento imediato de candidatos do PMDB à sucessão do presidente José Sarney. O lançamento das candidaturas peemedebistas à Presidência da República só serviria para tumultuar e prejudicar o andamento da Constituinte, disse Simon, durante entrevista ao programa "Os Gaúchos e o Governo Simon", da Rádio Gaúcha.

O governador manifestou também o temor de que as eleições municipais acabem não se realizando neste ano, tendo em vista as recentes declarações de integrantes do Centrão de que não somente votariam contra as eleições diretas para presidente em 88 como também trabalhariam para a prorrogação do mandato dos atuais prefeitos. Segundo ele, no Rio Grande do Sul, a maioria dos prefeitos, que já está há seis anos nos cargos, deseja deixá-los por se encontrarem em uma "fase de esgotamento" mas frisou que, em relação aos demais estados do País, a "situação é bem diferente".

O governador reconheceu o direito de os outros partidos menores lançarem os seus candidatos, mas acredita que se o PMDB tomar a mesma medida estará deflagrando o processo sucessório e os eventuais candidatos passarão a exercer todo o tipo de influência na Constituinte. Por isso, defende que todos os esforços sejam feitos neste momento para se concluir a Constituinte, possibilitando a redação de uma Constituição que atenda a maior parte dos anseios da população.

Consciência

Simon voltou a criticar também a possibilidade de o PMDB convocar uma convenção nacional antes do término da Assembleia. Na sua opinião, a convenção antes de concluída a Constituinte também somente serviria para atrapalhar o andamento dos trabalhos de redação da nova Carta do País. Lembrou, a propósito, que, no ano passado, já foi realizada uma convenção, quando foi sugerida uma "maior identificação com a linha do partido" e também que "deixou a liberdade de consciência aos parlamentares em votar os assuntos polêmicos e que não são temáticos do PMDB".

O governador gaúcho justificou a sua ausência na reunião, realizada ontem pelos chamados Históricos do PMDB, em Brasília, afirmando que se tratava apenas de um encontro das lideranças do partido e que a participação dos governadores poderia ajudar a caracterizar uma forma de divisão dentro do próprio PMDB.

Quércia defende a unidade do PMDB

Sorocaba — O governador Orestes Quércia criticou ontem em São Roque a reunião realizada pelos chamados Históricos do PMDB, alegando que ela pode afetar a unidade do partido. "Não acho bom que um segmento faça debates públicos sobre questões partidárias". Eu prefiro fazer empenho na unidade do partido". Acrescentou que os que falam em rompimento, são oportunistas, "porque essas pessoas não falam em rompimento quando o presidente Sarney estabeleceu o Plano Cruzado I quando estava muito bem perante a opinião pública".

Quércia frisou que esse oportunismo é ruim "porque o partido tem que ser coerente. Quem é oposição, hoje, no Brasil, é o Brizola que vai tirar proveito dessa situação. O PMDB é o Governo com erros e acertos que têm que assumir essa responsabilidade. Apesar disso o governador não acredita na hipótese de um expurgo no PMDB por causa dessa dissidência".

Quércia esteve ontem em São Roque acompanhado dos secretários Walter Nory, dos Transportes, e Alberto Goldman da Coordenação de Programas, para inaugurar o acesso da cidade à rodovia Castelo Branco. Ele afirmou que não é candidato à presidência da República. "Não sou candidato. Se puder um dia ser presidente, vou querer ser. Mas, agora, não".

Convivência já é impossível

Rubem Azevedo Lima

Cerca de cem constituintes do PMDB e mais uma centena de militantes do partido deixaram claro, durante a reunião realizada ontem, dos chamados históricos daquela agremiação, que a convivência política desses peemedebistas com o governo do presidente José Sarney se tornou impossível.

Este sentimento — ditado pela convicção de que o Governo abandonou os compromissos assumidos pelo PMDB, durante as eleições gerais de 1986 — faz com que a maioria dos históricos só veja uma saída política para a situação: a convocação de eleições presidenciais diretas, até o final do ano corrente.

"Há um sentimento geral de descrença no País" — comentava o ex-ministro da Reforma Agrária, Dante de Oliveira, prefeito de Cuiabá.

Em sua opinião, o desencanto dos brasileiros, em face do Governo, põe em xeque não o PMDB, mas a própria sobrevivência do regime democrático, na medida em que os frustrados se tornam indiferentes aos destinos do País e ficam receptivos às pregações extremadas. Dante sublinhava, ainda, que o PMDB até que não está tão mal politicamente quanto dizem. "Onde o partido mantém sua identidade histórica e se identifica com a sociedade, seus governantes contam com o apoio popular, apesar de toda a crise".

Erros

Já outro ex-ministro, o deputado Fernando Lyra, do PMDB de Pernambuco, achava que o partido não tinha mais condições de recuperar-se, em razão dos erros de seus dirigentes. Pouco depois, Lyra dirigiu-se aos his-

tóricos, tratando desse assunto. Antes, porém, de ocupar a tribuna, Lyra comentava com o deputado Hélio Duque, peemedebista do Paraná, sobre seu futuro desligamento do PMDB. "Aliás — dizia — vou esperar vocês todos, para continuarmos a lutar".

Duque não tem intenção de deixar o PMDB, mas o ex-ministro da Justiça procurava demovê-lo, insistindo em que "os peemedebistas que vão deixar o partido têm um grande aliado: o governador Orestes Quércia, de São Paulo." Pelo que deixou transparecer, Quércia está tornando inevitável a saída dos históricos do PMDB.

O ex-ministro, apesar de praticamente fora do PMDB, concordou, no entanto, em assinar o requerimento de Pimenta da Veiga (PMDB-MG), de convocação do diretório nacional do partido, em 3 de fevereiro próximo, para discutir seus rumos em face do governo.

"Fora, Sarney"

Em meio ao andamento dos trabalhos dos históricos, quando um dos oradores propôs que a direção do PMDB pedisse o desligamento de Sarney daquele século, o plenário irrompeu em gritos de "fora, Sarney", mas dentro os presentes mais entusiasmados com a proposta estava o ex-ministro Bresser Pereira, sentado ao lado de Mário Covas.

Ao iniciar-se o encontro partidário, o senador Mauro Benevides, do PMDB do Ceará, vice-presidente da Constituinte e ligado ao deputado Ulysses Guimarães, retirou-se do recinto. No caminho de saída da Câmara, Benevides encontrou-se com o deputado Miro Teixeira, do PMDB do Rio, a quem informou do início da reunião. "É por que está se retrando do encontro, se-

nador? — indagou um acompanhante de Miro. "Porque ele veio pensando que não fosse haver número" — observou ironicamente Miro.

Além da tendência pró-afastamento do Governo, outro tema presente nas conversas de bastidores era o da convocação de eleições presidenciais em 88. "Mostramos — afirmava, satisfeito, o senador Nelson Wdekini, de Santa Catarina — muita força." O senador Ronan Tito, do PMDB mineiro, concordava com a força dos históricos. "Mas as consequências da reunião devem demorar".

Renúncia

Boa parte dos peemedebistas exigia que os ministros afinados com os históricos — Luis Henrique, Renato Archer, Celso Furtado e Almir Pazzianotto — renunciassem a seus cargos.

"Mas estes, a rigor — sublinhava Hélio Duque — já estão fora do Governo, do ponto de vista político. Na véspera, ao convocar os ministros de sua confiança, para insistir no mandato de cinco anos, Sarney havia excluído Archer, Luis Henrique, Furtado e Pazzianotto desse encontro".

De qualquer forma, nos bastidores havia históricos que insistiam na manutenção de Archer e Luis Henrique em suas pastas, com o objetivo de impedir que a Previdência e a Informática calassem, conforme, temiam, nas mãos do PFL.

Apenas um ex-governador do PMDB histórico estava na reunião, Franco Montoro, de São Paulo. Montoro estava satisfeito, porque os cem constituintes peemedebistas presentes aprovaram, no meio da tarde, uma nota que ele mesmo ajudara a redigir, com o auxílio do professor Hélio Jaguaribe.



Lembrando Lupicínio, Ulysses não quis adiantar opiniões

Ulysses admite crise, mas minimiza encontro

"Ah, esses moços..." foi assim, quase entoando a música de Lupicínio Rodrigues que o presidente do PMDB, deputado Ulysses Guimarães, tentou esboçar sua primeira reação à reunião dos Históricos. Referia-se à iniciativa do deputado Pimenta da Veiga (PMDB-MG) de coletar assinaturas para convocar o diretório nacional a romper com o Governo. "O diretório não é órgão competente para essa decisão", respondeu Ulysses, sem entrar no mérito da proposta.

Ulysses, pela primeira vez, manifestou preocupação com os rumos da reunião, da qual estava sendo informado por telefone por alguns parlamentares presentes. Mesmo a informação de que, ao contrário do que se poderia esperar, seu nome estava sendo citado pelos oradores e em faixas como o símbolo do partido, o alívio. Mas, num gesto raro, emocionou-se ao dizer ter sido informado dos elogios recebidos pela deputada Cristina Tavares (PMDB-PE), uma das que mais criticam a direção do PMDB, que reconheceu nele

"um dos poucos homens públicos neste País que tem visão de estadista", apesar de ressaltar estarem em lados opostos.

"A Cristina e eu temos um caso de amor eterno. Tenho ciúmes, mas não a pretensão de estar no seu coração como esteve Jean-Paul Sartre", afirmou, citando o fato de o escritor e pensador francês ter convivido também com Cristina, a quem elegera como musa.

Coincidentemente, o presidente do PMDB rendeu à deputada a mesma homenagem que ela recebeu na reunião dos Históricos, e que apareceu amparada em uma bengala — Cristina está com câncer.

Ulysses na manhã de ontem reuniu-se com os integrantes da cúpula do partido para avaliar as repercussões da reunião, o que pretende repetir hoje. O deputado, em nenhum momento, disse que concordava ou discordava da posição dos Históricos, mas reconheceu que "o partido vive um momento difícil".

Divergência pode levar a novo partido

O encontro dos históricos do PMDB, realizado ontem, em Brasília, aprofundou, ainda mais, as divergências no partido majoritário, devendo ser interpretado como tomada de posição de seu grupo progressista para a formação de uma nova legenda.

Esta era a visão de muitos parlamentares do PMDB, presentes à reunião de ontem no auditório Nereu Ramos da Câmara dos Deputados. Alguns chamavam a atenção para o fato de que "este é o grupo do Mário Covas" lembrando, porém, que muitos que compareceram não se submetem à liderança do político paulista nem pretendem integrar partido de esquerda. Lembravam que estavam presentes parlamentares de esquerda, opositoristas e até os que simplesmente não tinham o que fazer em casa.

Entre os históricos, havia a convicção de que seu confronto com o Centrão não mais poderá ser adiado, principalmente se houver eleições presidenciais este ano, quando o PMDB terá de realizar convenção para escolha de seu candidato.

Limite

"É uma tentativa de sintonizar com a realidade, de acompanhar a história. É o primeiro momento em busca do novo. O Fernando Henrique Cardoso foi até o limite de quem ainda está no PMDB mas por pouco tempo.", observou o deputado Fernando Lyra (PMDB-PE).

É o começo da afirmação de um novo partido, concordou Paulo Ramos (PMDB-RJ). "O confronto é inevitável. Não aceitamos mais que se fale em unidade do partido. Quem perder, deve sair", disse o ex-líder Pimenta da Veiga, recolhendo assinaturas para convocação de Convenção Nacional extraordinária. "É a oficialização do racha", opinou Nelson Friederich (PMDB-PR).

Nota condena transição longa

Ao divulgar, em nota, os pontos que consideram fundamentais para o resgate dos compromissos do PMDB, os históricos que se reuniram ontem, além de defender o rompimento imediato com o Governo denunciam a farsa que vêem com o prolongamento do período de transição. Para eles, a luta histórica do partido, sustentada há mais de 20 anos pelas bases e lideranças, é pela democracia e por um projeto nacional de desenvolvimento que promova o crescimento do País e corrija as desigualdades sociais e regionais.

Essa é íntegra: **Prolongar o Transitório é Farsa** A luta histórica do PMDB, sustentada há mais de 20 anos, pelas bases e lideranças partidárias, é pela democracia e por um projeto nacional de desenvolvimento, que promova o crescimento do País e corrija as desigualdades sociais e regionais.

Conduzindo o maior movimento popular da nossa história, que promoveu o reencontro do Brasil com o regime democrático — a campanha das diretas — o PMDB assumiu a responsabilidade de promover a transição do autoritarismo para a democracia, que se encerra com a aprovação da nova Constituição de eleições presidenciais. Prolongar o transitório é farsa.

Reunidos em Brasília, militantes, parlamentares e lideranças do partido em todo o Brasil, empenhados na luta pelo resgate dos compromissos do movimento democrático brasileiro, se unem em torno dos seguintes pontos:

1. aprovação, rápida da nova Constituição — Constituição já;
2. eleições presidenciais em 88;
3. renovação imediata das práticas partidárias, a começar pelo preenchimento, dentro de 30 dias, das vagas da direção por representantes fiéis à linha programática;
4. reconhecimento por decisão do Diretório Nacional a ser tomada nos próximos 30 dias, de que o governo — por suas políticas, práticas e escolhas — afastou-se do PMDB, e que a este cabe opor-se às decisões do governo que contrariam seu programa;
5. Elaboração de uma plataforma para o Brasil a ser sustentada por um candidato à Presidência da República, que expresse autenticamente os ideais de luta democrática e mudança social que marcaram a história do PMDB.